

O PENSAMENTO MEDITERRÂNEO- LIBERTÁRIO DE ALBERT CAMUS.

Leandson Vasconcelos Sampaio¹

RESUMO: O presente trabalho busca apontar na obra do pensador franco-argelino Albert Camus (1913-1960) a relação entre o pensamento mediterrâneo e a dimensão ética da revolta à luz de uma filosofia política libertária no qual ele se refere, sobretudo, nos últimos capítulos de *O Homem Revoltado* (1951). Partindo das críticas ao Socialismo-cesariano do século XX, o trabalho visa mostrar uma filosofia prática de Camus com influências do pensamento Socialista do mediterrâneo, desvelando também a sua reflexão ética sobre a revolta; O trabalho mostra também a diferença entre o pensamento mediterrâneo sobre a Natureza em contraponto aos pensamentos historicistas, sobretudo, do século XIX e XX. Em outras palavras, o trabalho busca mostrar no pensamento mediterrâneo do escritor franco-argelino as contribuições de um pensamento que luta contra as tiranias a favor do pensamento Socialista e Libertário, tendo em vista os limites da Política e os limites da racionalidade e da Natureza, que remonta à memória das origens do pensamento grego.

PALAVRAS-CHAVE: revolta, ética, política

ABSTRACT: The present work seeks to point out in the work of the Franco-Algerian thinker Albert Camus (1913-1960) the relation between Mediterranean thought and the ethical dimension of the revolt in the light of a libertarian political philosophy in which he refers, especially, in the last chapters of *The Rebel* (1951). Starting from the criticism of 20th century Socialism-Caesarean, the work aims to show a practical philosophy of Camus with influences of the Socialist thought of the Mediterranean, also revealing his ethical reflection on the revolt; The work also shows the difference between the Mediterranean thought on the Nature in opposition to the historicist thoughts, mainly, of century XIX and XX. In other words, the work seeks to show in the Mediterranean thought of the Franco-Algerian writer the contributions of a thought that fights tyrannies in favor of Socialist and Libertarian thought, in view of the limits of Politics and the limits of rationality and Nature, which goes back to the memory of the origins of Greek thought.

¹ (Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC)

KEYWORDS: revolt, ethic, politics

O filósofo franco-argelino Albert Camus (1913-1960) em sua contribuição à Filosofia Política do século XX ficou conhecido como um dos grandes críticos aos regimes políticos totalitários. No diagnóstico de sua época, Camus identifica que regimes totalitários são também justificados por filosofias totalizantes em nome de ideologias Imperialistas, como o Socialismo cesarista da União Soviética e o Nazismo alemão. A crítica a estes regimes se dá a partir das críticas às filosofias que para atingir os seus fins utilizam-se do terrorismo de Estado como técnica de controle através da violência. O ensaio *O Homem Revoltado* (1951) demarca esta crítica de forma clara e contundente, o que levou inclusive ao seu rompimento com Jean-Paul Sartre (1905-1980) e Simone de Beauvoir (1908-1986), dentre outros intelectuais que condenaram a obra, sobretudo, intelectuais de esquerda; Pela sua crítica aos rumos da Revolução russa de 1917 e às suas consequências, Camus muitas vezes é erroneamente apropriado pelo pensamento Liberal. Todavia, a nossa hipótese aqui se trata de compreender Camus não como um pensador Liberal, mas sim Libertário. Tendo em vista que Camus não se identificou enquanto Libertário e nem se definiu rotulado a nenhuma escola filosófica em específico (apesar de frequentemente o autor ser vinculado ao Existencialismo, por exemplo), a nossa hipótese é a de que Camus enquanto defensor da liberdade e crítico do Estado durante toda a sua trajetória de vida, se encaixa em características filosófico-políticas que se aproximam da tradição libertária, sobretudo, a tradição mediterrânea.

Apesar de suas críticas ao Socialismo da União Soviética, Camus não se afastou do pensamento Socialista, mas sim se aproximou ao Socialismo por outra via diferente do marxismo. Fazendo um diagnóstico crítico do Socialismo de sua época, Camus busca um Socialismo diferente do praticado pelos Partidos Comunistas. No Editorial de *Nem Vítimas Nem Carrascos* (1944) do jornal *Combat* intitulado "Socialismo Mistificado", Camus critica todo o marxismo que como uma espécie de religião secularizada tenta convencer a todos que "não se pode ser socialista se não for marxista" (CAMUS, s/dA: 185). Neste sentido, pretendemos mostrar na filosofia política de Camus uma via Socialista alternativa ao marxismo, não simplesmente abandonando todas as teorias marxistas, mas sim buscando aproximar o filósofo africano de outra tradição². Em *O Homem Revoltado* Camus nos dá a dimensão do seu pensamento libertário no último Capítulo, intitulado *O Pensamento Mediterrâneo*. "A história da Primeira Internacional, em que o socialismo alemão luta sem trégua

² Cf. ONFRAY, Michel. L'ordre libertaire: La vie philosophique d'Albert Camus. Paris: Flammarion, 2012.

contra o pensamento libertário dos franceses, dos espanhóis e dos italianos, é a história das lutas entre a ideologia alemã e o espírito mediterrâneo.” (CAMUS, 1993: 342). Com efeito, o pensamento camusiano põe luz a um conflito entre os socialistas que está em suas origens, entre o pensamento alemão e o pensamento mediterrâneo. Continua Camus: “A Comuna contra o Estado, a sociedade concreta contra a sociedade absolutista, a liberdade refletida contra a tirania racional e, finalmente, o individualismo altruísta contra a colonização das massas” (Ibidem). O conflito entre os teóricos do Socialismo em suas origens para Camus está entre uma Filosofia Prática Libertária e uma Filosofia Absoluta que desemboca em tiranias políticas: “são portanto antinomias que traduzem, de uma vez por todas, o longo confronto entre a medida e a desmedida que anima a história do Ocidente desde o mundo antigo.” (CAMUS, 1993: 342-343). Então, no diagnóstico camusiano, o conflito se dá entre as ideologias alemãs absolutistas e a tradição mediterrânea ou entre a desmedida alemã e a medida do pensamento mediterrâneo: “O profundo conflito deste século talvez não se estabeleça tanto entre as ideologias alemãs da história e a política cristã, que, de certa forma, são cúmplices, quanto entre os sonhos alemães e a tradição mediterrânea [...]; enfim, entre a história e a natureza.” (CAMUS, 1993: 343). Neste horizonte, podemos dizer que Camus se refere ao pensamento que prioriza a história e o pensamento que prioriza a natureza. “Mas a ideologia alemã é neste sentido uma herdeira. Nela se encerram vinte séculos de luta vã contra a natureza, primeiro em nome de um deus histórico e, sem seguida, da história divinizada”. (Ibidem). Ou seja, o pensamento mediterrâneo é também uma crítica a toda tradição que visa transformar a natureza para conduzir a História.

À luz do pensamento-mediterrâneo camusiano, notamos que existe um conflito que diagnostica um modo de filosofar que visa transformar a Natureza sem limites e um pensamento da medida da Natureza. “A natureza, que deixa de ser objeto de contemplação e de admiração, não pode mais ser em seguida senão a matéria de uma ação que visa transformá-la” (Ibidem). A crítica camusiana a esta relação com a Natureza está também no fato de que esta concepção de conquista da natureza e da história termina em tirania. “Expulso Deus desse universo histórico, nasce a ideologia alemã, na qual a ação não é mais aperfeiçoamento, mas pura conquista, isto é, tirania”. (Ibidem). A crítica camusiana aos regimes totalitários se dá a partir de um horizonte de pensamento da medida mediterrânea. E também sua crítica ao niilismo burguês e ao socialismo autoritário nos lembra da exigência feita pelo pensamento mediterrâneo como contraponto: “Os pensamentos revoltados, os da Comuna ou os do sindicalismo revolucionário, não deixaram de proclamar essa exigência tanto diante do niilismo burguês quanto ao socialismo cesariano”. (Ibidem). Este conflito

se dá entre um pensamento libertário e um pensamento autoritário: “O pensamento autoritário, por meio de três guerras e graças à destruição física de uma elite de revoltados, mas essa pobre vitória é provisória, o combate continua sempre”. (CAMUS, 1993: 343-344). O diagnóstico camusiano busca pensar um equilíbrio europeu entre luzes e sombras: “A Europa sempre existiu nessa luta entre luz e sombras. Ela só se degradou ao renunciar a essa luta, eclipsando o dia pela noite. A destruição desse equilíbrio dá belos frutos hoje em dia.” (CAMUS, 1993: 344). Este embate remonta ao embate entre a natureza e a história que se dá no pensamento europeu. Diz Camus:

Na desgraça comum, renasce a eterna exigência; a natureza volta a insurgir-se contra a história. Na verdade, não se trata de desprezar nada, nem de exaltar uma civilização em detrimento da outra, mas sim de dizer simplesmente que há um pensamento do qual o mundo de hoje não pode se privar por mais tempo. (Ibidem).

Ou seja, não se trata de xenofobia ou uma crítica pela crítica ao pensamento alemão, mas sim de, a partir do diagnóstico de sua época, dar luz ao pensamento da medida contra a desmedida. “Em 1950, a desmedida é sempre um conforto e, às vezes, uma carreira. A medida, ao contrário, é pura tensão”. (CAMUS, 1993: 345). É interessante notar que esta questão da medida e desmedida já estava inserida em seu pensamento de juventude, como podemos observar em seus *Cadernos em A Desmedida na Medida* (1937-1939). Aqui entramos na questão da medida e da revolta, que busca o horizonte das origens e o equilíbrio da medida, como os mediterrâneos.

A verdadeira loucura da desmedida morre ou cria a sua própria medida. Ela não faz os outros morrerem a fim de criar para si um álibi. No dilaceramento mais extremo, ela reencontra o seu limite, no qual, como Kalyayev, ela se sacrifica se for necessário. A medida não é o contrário da revolta. A revolta é a medida, é ela quem a exige, quem a defende e recria através da história e de seus distúrbios. A própria origem desse valor nos garante que ele só pode ser dilacerado. A medida, nascida da revolta, só pode ser vivida pela revolta. Ela é um conflito constante, perpetuamente despertado e dominado pela inteligência. Ela não vence nem a impossibilidade, nem o abismo. Ela se equilibra com eles. Não importa o que fizermos, a desmedida conservará o seu lugar no coração do homem, no lugar da solidão. Carregamos todos, dentro de nós, as nossas masmorras, os nossos crimes e as nossas devastações. Mas nossa tarefa não é soltá-los pelo mundo, mas combater-los em nós mesmos e nos outros. A revolta, a secular vontade de não ceder que falava Barrès, ainda hoje está na base desse combate. Mãe das formas, fonte de verdadeira vida, ela nos mantém sempre de pé, no movimento selvagem e disforme da história. (Ibidem).

A noção de medida para Camus à luz do pensamento grego Antigo não corresponde especialmente a um filósofo em específico ou uma escola filosófica, mas sim à vida e a Cultura helênica Clássica, que tinha a noção de medida, de certa maneira, como um paradigma de virtude³.

³ Neste horizonte, comenta Nilson Silva no Posfácio da edição brasileira de *A desmedida na medida* (1937-1939) dos *Cadernos* de Camus: “Para a filosofia ocidental, a tríade Sócrates, Platão e Aristóteles é incontornável; mas, para Camus, mais do que os três pensadores gregos, o fundamental é a Grécia em seu sentido mais amplo, incluindo não só os filósofos canonizados pela História da Filosofia, mas igualmente seus mitos, seu povo, sua geografia, sua luminosidade.” (CAMUS, 2014b: 93-94).

Esta questão vai em direção à reflexão camusiana sobre a deusa grega da medida, Nêmesis⁴. Vale aqui ressaltar que Camus pretendia continuar a sua trilogia que começou com Sísifo e continuou com Prometeu. A reflexão sobre mediterrâneo com Camus também é um diálogo com a mitologia grega em seu método de filosofar também a partir dos mitos. Além da linguagem da Cultura mítica, o que interessa para Camus no pensamento grego-mediterrâneo é a questão da sua filosofia prática, que desvela um *êthos*⁵. Ou seja, trata-se de pensar a questão da medida e da desmedida do ponto de vista ético-político a partir do retorno às origens gregas. Comenta Nilson Silva no Posfácio de *A desmedida na medida*:

O pensamento mediterrâneo é, para Camus, um pensamento do retorno às origens da sabedoria grega, em que ele busca não apenas o apego à concretude da vida e à linguagem dos mitos, mas também uma filosofia eminentemente ética, baseada na noção de "medida" ou "limite". Camus aprendeu com os gregos que é na razão e na justiça que se fundamentam a moral e a política verdadeiramente humanas. (CAMUS, 2014b: 103-104).

O que está em jogo nesta ética da medida camusiana enquanto retorno à origem grega clássica é a questão da dignidade e do respeito à vida, como comenta Nilson Silva ainda no *Posfácio* de *A desmedida na medida*: "A ética, oposta à renúncia e ao conformismo, revela a paixão da existência e da consciência individual como fonte de valor, e se fundamenta no respeito à vida e à eminente dignidade dos seres humanos" (CAMUS, 2014b: 119). Destarte, a questão ética da filosofia prática camusiana está ligada ao retorno às origens gregas do diálogo sobre a questão da medida. O equilíbrio do horizonte mediterrâneo será então o seu horizonte ético-político de modo a aprofundar também os limites da racionalidade. Como comenta Nilson Silva:

Na conclusão de *O Homem revoltado*, Camus opõe ao niilismo o pensamento **mediterrâneo, libertário e ateniense**, que traduz a alegria de viver sob o sol, uma referência à Grécia clássica e a uma forma de pensamento que não cai na pura abstração, porque não perde de vista a concretude do mundo. O mundo moderno parece preso ao ideal do homem teórico, que superestima suas faculdades de conhecimento e trabalha a serviço da ciência. Entre os gregos antigos, o desejo do conhecimento está associado à constatação dos limites da razão. (CAMUS, 2014b: 103-104, grifo nosso).

⁴ Diz Camus no capítulo "Medida e Desmedida" de *O Homem Revoltado*: "A dialética histórica, por exemplo, não continua indefinidamente em busca de um valor desconhecido. Ela gira em torno do limite, seu valor primeiro. Heráclito, inventor do devir, fixava entretanto um marco para esse processo contínuo. Esse limite era simbolizado por Nêmesis, deusa da medida, fatal para os desmedidos. Uma reflexão que quisesse levar em conta as contradições contemporâneas da revolta deveria procurar a sua inspiração nesta deusa". (CAMUS, 1993: 339).

⁵ Neste sentido é que falamos de ética em Camus, como afirma Amitrano em **Albert Camus**: um pensador em tempos sombrios (2014) em nota de rodapé: "Ao designar um *êthos* em Camus, pressuponho que ele possua em sua filosofia a inserção de um pensamento da *práxis*, isto é, a inserção de uma teoria cujo objeto seja a ação humana. Com a designação de *êthos* é possível visualizar, em seu pensamento, algo que se difere de uma posição teórica; isto é, de uma Metafísica ou Física. O que, de fato se vê é a inserção de um pensamento da *práxis*, uma teoria cujo objeto é a ação humana e pela qual se investiga aquilo que, de certo modo, constitui uma forma de política". (AMITRANO, 2014: 26-27).

O elo entre o pensamento mediterrâneo, libertário e ateniense se baseia em um mundo concreto e não em abstrações teóricas idealistas que terminaram em tirania e assassinatos. A ética da medida camusiana desenvolvida ao longo de sua obra é também uma ética da preservação da vida que também está nas origens da revolta libertária e mediterrânea. Camus critica o fato de que as revoltas que esquecem as suas origens terminam em tirania, servidão e terror de Estado. Diz ele em *O Homem Revoltado*:

Com isso, a revolta prova que ela é o próprio movimento da vida e que não se pode negá-la sem renunciar à vida. Seu grito mais puro, a cada vez, faz com que um ser se revolte. Portanto, ela é amor e fecundidade ou então não é nada. A revolução sem honra, a revolução do cálculo, que, ao preferir o homem abstrato ao homem de carne e osso, nega a existência tantas vezes quanto necessário, coloca o ressentimento no lugar do amor. Tão logo a **revolta, esquecida de suas origens generosas**, deixa-se contaminar pelo ressentimento, ela nega a vida, correndo para a destruição, fazendo sublevar-se a turba zombeteira de pequenos rebeldes, embriões de escravos, que acabam se oferecendo hoje, em todos os mercados da Europa, a qualquer servidão. Ela não é mais revolta nem revolução, mas rancor e tirania. Então, **quando a revolução, em nome do poder e da história, torna-se mecânica assassina e desmedida, uma nova revolta é consagrada, em nome da moderação e da vida**. Estamos neste extremo. No fim destas trevas, é inevitável, no entanto, uma luz, que já se adivinha – basta lutar para que ela exista. (CAMUS, 1993: 349, grifo nosso).

A revolta, que reivindica a vida, não pode abdicar da liberdade política contra a tirania, pois o seu esquecimento formou uma mecânica assassina desmedida na história. Assim, a partir da crítica às tiranias de Estado, há um elo fundamental em Camus entre o retorno às origens do pensamento mediterrâneo e o retorno das origens libertárias da revolta e do pensamento político Socialista. A questão das origens do Socialismo em seu viés Libertário será o contraponto ao Socialismo cesariano instaurado em sua época. O retorno ao elo entre a justiça social e a liberdade política das origens do Socialismo se torna também um combate às tiranias dos Estados policialescos que esquecem as origens da revolta. Este retorno às origens do Socialismo a partir de um pensamento libertário do mediterrâneo com a crítica ao terror e à violência de Estado visa também contribuir para o debate político e filosófico contemporâneo. A ética da revolta camusiana está ligada ao retorno às origens da revolta levando em consideração que o retorno às origens mediterrâneas também é o retorno à questão dos limites da racionalidade em contraponto ao racionalismo desmedido europeu que troca “o presente pelo futuro, a humanidade pela ilusão do poder, a miséria dos subúrbios por uma cidade fulgurante, a justiça cotidiana por uma verdadeira terra prometida. Perdem a esperança na liberdade das pessoas e sonham com uma estranha liberdade da espécie.” (CAMUS, 1993: 349). O já mencionado embate entre o pensamento idealista alemão e o pensamento prático mediterrâneo está nas origens das discussões sobre o projeto Socialista

libertário-mediterrâneo e o chamado Socialismo científico, que acabou por tornar-se sinônimo de autoritarismo. Ao tentar conduzir a História, o pensamento idealista alemão esqueceu os limites da Natureza. Na procura por um mundo ideal no futuro, a Filosofia Política Socialista acabou por aceitar em sua acepção alemã a injustiça no presente. "A verdadeira generosidade em relação ao futuro consiste em dar tudo no presente". (CAMUS, 1993: 348). Neste horizonte, comenta Weyembergh:

O movimento por excelência que anima a obra camusiana é este do retorno: o presente recebe sua espessura da memória destes presentes passados; não se trata, portanto, de se perder no passado em si, que é muito longe, mas de compreender, aprofundar e justificar o presente atual e de preparar aos presentes futuros. (WEYEMBERGH, 1996: 11-12, tradução nossa).⁶

Nesta perspectiva, a questão do retorno às origens em Camus não se dá de forma a aludir a certo anacronismo, mas, ao contrário, se dá com relação à medida do presente. O retorno às origens dá luz aos problemas contemporâneos, sobretudo, relacionados à ética e à Filosofia Política Socialista em um viés diferente do marxismo. Retornar às origens em um diagnóstico genealógico quer dizer aqui enfrentar os problemas contemporâneos tendo em vista também a história de como foram criados os conceitos que fomentam os problemas do presente. O engajamento camusiano dessa forma está ligado ao seu presente, mas crítico do marxismo e da Revolução Burguesa nas suas origens, aproximando-se também do viés mais libertário do Socialismo mediterrâneo, fomentando assim o que chamamos aqui de pensamento mediterrâneo-libertário de Camus, pensando também a partir da cultura grega Clássica e a sua influência da noção de medida que perpassa por toda a sua filosofia.

Em suma, mostramos que, apesar de Camus não se filiar a uma escola filosófica específica, há em seu pensamento ético-político uma relação entre o pensamento mediterrâneo e as filosofias libertárias críticas dos Estados totalitários, fazendo uma relação com a ética da medida da revolta. Desse modo, há em sua filosofia prática uma crítica ao pensamento abstrato que em sua desmedida se desliga das situações concretas do presente, fomentando um engajamento que se utiliza da filosofia também como forma de denúncia das práticas políticas que colocam o terror de Estado encarnados no cotidiano. Como podemos pensar no contexto político atual a conciliação entre justiça social e liberdade que está nas raízes do Socialismo? Como pensar os "presentes futuros" no atual cenário do Capitalismo globalizado que continua produzindo tiranias e miséria, à luz do

⁶ "Le mouvement par excellence qui anime le travail camusien de ce retour: le présent, sa mémoire est l'épaisseur de ces présents passés; Je n'étais pas pris au piège, je ne me sentais pas perdu dans le passé, c'est très long, mais comprendre, approfondir et justifier le présent et préparer notre futur présent".

pensamento mediterrâneo-libertário de Camus? Como combater os socialismos cesaristas contemporâneos? Trata-se então de pensarmos com Camus contribuições ao pensamento político libertário na filosofia contemporânea e as exigências éticas da revolta no presente.

REFERÊNCIAS

AMITRANO, Georgia Cristina. **Albert Camus: um pensador em tempos sombrios**. Uberlândia, EDUFU, 2014.

CAMUS, Albert. **Cadernos (1937-1939)**. A Desmedida na Medida. São Paulo, Editora Hedra, 2014b.

_____. **O Homem Revoltado**. São Paulo. Record, 1993.

MARIN, Lou. **Albert Camus et les libertaires**. Paris: ÉGRÉGORES Ed., 2008.

_____. **Albert Camus et les libertaires**, Anarchisme et Non-Violence 2, 27 de octubre de 2007, http://anarchismenonviolence2.org/spip.php?article108&var_recherche=Camus. Acesso em: Abr. 2019.

ONFRAY, Michel. L'ordre libertaire: La vie philosophique d'Albert Camus. Paris: Flammarion, 2012.

WEYNBERG, M. **Albert Camus ou la mémoire des Origines**. Le point philosophique. De Boeck Université, 1996.